Dia 2 — Santo Atanásio, Patriarca de Alexandria

Santo Atanásio, venerado em toda a Igreja católica como uma das mais firmes colunas da fé, como ilustre defensor da divindade de Jesus Cristo, como uma das mais brilhantes luminárias de todo o mundo cristão e, enfim, como um dos maiores santos da Igreja, nasceu em Alexandria do Egito por volta do ano de 294. Seus pais eram muito distintos por sua nobreza, mas muito mais por sua piedade; e assim fizeram todo o possível para dar ao menino Atanásio uma educação correspondente à sua religião e a seu nobre nascimento. Admiravam-se todos os que estavam encarregados de formá-lo da vivacidade e da extraordinária penetração de engenho que manifestava nosso menino; e os rápidos progressos que fez nas letras humanas, numa idade em que outros meninos mal sabem falar, deram a conhecer bastante o que havia de ser com o tempo. Conta Rufino que um dia de festa, estando brincando com outros meninos de sua idade e divertindo-se em arremedar as cerimônias da igreja, batizou alguns que não estavam batizados; e que, tendo notícia do fato o patriarca Santo Alexandre, chamou Atanásio e, bem informado tanto de sua intenção como das palavras que havia dito ao derramar-lhes a água, declarou que haviam recebido legítima e verdadeiramente o santo batismo.

O sucesso deste dia foi para o santo bispo como um presságio das grandes coisas a que destinava a divina Providência a nosso Atanásio. Tomou-o a seu cargo e, vendo-o em pouco tempo tão adiantado nas letras humanas, aconselhou-lhe que se dedicasse ao estudo das divinas, nas quais seguramente se pode afirmar que poucos fizeram mais progressos em tão curto espaço de tempo. Seus escritos em defesa da religião são o melhor testemunho daquela rara penetração com que compreendia todas as ciências; pois neles se acredita como excelente filósofo, profundo teólogo, hábil jurisconsulto e bem instruído em todas as belas-artes, e tudo isso numa idade em que de ordinário o maior mérito é o desejo de saber.

Mas, ao passo que cada dia se ia fazendo mais sábio, fazia-se também mais santo. Levou-o ao deserto a fama de Santo Antão; e na escola de tão insigne mestre progrediu tão maravilhosamente em menos de dois anos na ciência da salvação que sem dúvida a Tebaida teria possuído sozinha este tesouro, se o patriarca de Alexandria não se tivesse valido de sua autoridade para obrigá-lo a que passasse àquela cidade.

Deixou-se ver nela com todo aquele conceito e estima com que em toda parte se apresenta um homem de extraordinário mérito, acompanhado também de uma virtude extraordinária. Desde logo foi o assombro e as delícias dos católicos; e desde logo foi também o terror e o espanto dos hereges e gentios. Aos vinte anos de idade compôs contra eles dois admiráveis tratados, intitulado o segundo *Da Encarnação do Verbo*. Fê-lo Santo Alexandre seu secretário; elevou-o às sagradas ordens e valeu-se de sua pena e de seu ministério para confundir os melecianos e os demais

hereges.

Mas o maior inimigo da Igreja, contra quem singularmente estava destinado Atanásio, era o ímpio Ário, presbítero de Alexandria e cura da paróquia de Baucális, o qual, tendo sido deposto e privado do curato pelo patriarca São Pedro, soube dissimular tão bem a malignidade de seu engenho e de seu coração, cobrindo-se com certo aparato exterior de compunção e de penitência, que, enganado Santo Aquilas, sucessor de Pedro, restituiu-o a seu curato e conferiu-lhe a ordem do sacerdócio, que ainda não tinha ao tempo de sua deposição. Vendo-se já cura por seus artifícios, aspirou a ver-se patriarca; e, não podendo tolerar que o tivessem posposto a Santo Alexandre, declarou-se cabeça de partido, começou a falar contra a divindade de Jesus Cristo e foi o maior e mais pernicioso inimigo que a Igreja conheceu.

Apenas descobriu a cabeça este monstro, saiu Atanásio a combatê-lo e aniquilá-lo. Mas, como nunca faltam recursos à heresia, ainda que Ário ficou muitas vezes convencido e envergonhado por nosso santo, tanto em particular como em público, achou partidários até dentro do mesmo clero; e, para atalhar o mal, considerou-se necessário convocar o célebre concílio de Niceia. Concorreu a ele Atanásio, acompanhando seu bispo, e sobressaiu muito por sua sabedoria e por seu zelo. Foi anatematizada pelo sínodo a impiedade ariana, e nosso santo adquiriu grande reputação pelas disputas públicas que teve com o heresiarca, nas quais o deixou confundido; e assombrou tanto os padres com sua vigilância e penetração em descobrir os artifícios dos hereges, em desenredar seus sofismas e em desconcertar seu partido que, ainda que então não era mais que diácono, já o consideravam todos como o açoite dos arianos e como uma das mais brilhantes luminárias da Igreja.

Concluído o concílio, voltaram a Alexandria Santo Alexandre e seu diácono; mas, consumido o santo patriarca pelo rigor de suas penitências e trabalhos, morreu santamente cinco meses depois. Pouco antes de expirar, como não visse por ali Atanásio, que havia fugido para que não o fizessem seu sucessor, exclamou com espírito de profecia: «Atanásio, tu pensas escapar-te com a fuga, mas esta não te livrará da cadeira patriarcal.» Morreu Alexandre, e foi proclamado patriarca Atanásio com unânime aclamação do clero e do povo. Sua ausência fez retardar a consagração; porque, com efeito, havia-se escondido tão deveras e tão bem que em seis meses não foi possível saber onde parava; mas, descoberto enfim, sua teima em não querer aceitar a dignidade só serviu para que todos se confirmassem mais e mais no muito que a merecia. Sem dar ouvidos nem a suas razões nem a suas lágrimas, foi consagrado no dia 27 de dezembro do ano 326; e desde logo fez conhecer a todos que não era fácil encontrar sujeito mais digno de ocupar a segunda cadeira de toda a Igreja universal.

Olhavam-no já os arianos como ao mais terrível açoite de sua seita; e, não tendo podido impedir sua consagração, fizeram quanto puderam para que se declarasse ilegítima, tachando-a de pouco canônica. Levaram as queixas e as calúnias à corte do imperador, sendo os que mais as esforçavam Eusébio de Nicomédia, Teógnis e Maris, insignes protetores do arianismo; mas todos os seus artifícios converteram-se em vergonhosa confusão de seus mesmos autores. No mesmo instante em que Atanásio foi elevado à cadeira patriarcal, conta-se que o Espírito de Deus disse a São Pacômio: «Eu pus Atanásio por coluna e por luminária da Igreja; muitas tribulações e calúnias terá que padecer em defesa da fé e da virtude; mas será sempre sustentado pela graça de Jesus

Cristo; vencerá todas as tentações e anunciará às igrejas a verdade do Evangelho.»

Ninguém cumpriu mais exatamente todas as obrigações de bispo. Consumado em ciência e em virtude, não só era a admiração dos demais prelados, mas seu mais perfeito modelo. Não obstante ser sua diocese uma das mais dilatadas de toda a Igreja, poucas ovelhas deixavam de ouvir cada ano a voz de seu pastor, e nenhuma escapava à sua solicitude e vigilância pastoral. Era doce, afável, compassivo; e, fazendo-se tudo para todos a fim de ganhá-los todos para Jesus Cristo, nunca se separavam de seu zelo a caridade e a doçura.

Seus trabalhos apostólicos, ainda que tão contínuos e de tão grande fadiga, não diminuíam um ponto o rigor de suas penitências. À ação e ao estudo acompanhavam sempre o jejum e a oração. Suas rendas eram unicamente para os pobres; e, sendo igual sua atividade em socorrer as necessidades espirituais e as corporais, sabia preveni-las. Era pastor, era pai, e sua doçura dava grande realce à sua caridade.

Entretanto, vendo-se o ímpio Ário desterrado pelo imperador Constantino, depois de ter sido condenado pelo concílio de Niceia, não deixava pedra por mover para enganar o público e para alucinar o ânimo do incauto príncipe. Conseguiu-o; porque, apresentando-lhe uma capciosa profissão de fé, que tinha aparência de católica, logrou que se lhe levantasse o desterro; mas não pôde lograr que o patriarca o admitisse em sua comunhão, conhecendo a má-fé com que procedia; e, apesar das súplicas e empenhos de seus partidários, nunca quis reconciliá-lo com a Igreja. Tratou-se de crime sua constante teima e, unidos os melecianos com os arianos, não perdoaram a calúnia nem artifício para desacreditá-lo e perdê-lo.

Deram princípio a suas acusações delatando-o como réu de Estado, dizendo que havia imposto, por sua própria autoridade, aos egípcios um tributo de roupa de linho ou de ornamentos para a igreja de Alexandria. Tendo sido plenamente justificado por dois presbíteros seus, Alípio e Macário, que se achavam na corte, suscitaram-lhe duas novas acusações muito mais feias: a primeira, que havia feito em pedaços um cálice e destruído ou arruinado uma igreja por meio de certo presbítero que se chamava Macário; e a segunda, que havia remetido grande quantidade de dinheiro a certo rebelde, chamado Filomeno, que havia tomado as armas contra o imperador, aspirando a nada menos que usurpar o império. Chamou Constantino à corte nosso santo; reconhecida sua inocência e a malignidade dos caluniadores, tornou a enviá-lo à sua igreja, cumulando-o de elogios.

Não se acovarda a heresia por mais que seja confundida. Acusaram o santo de que havia assassinado Arsênio, bispo meleciano, e de que lhe havia cortado a mão direita com o fim de usar dela para suas operações mágicas; e, para enganar o público, tiveram a insolência de levar por todas as partes numa caixa uma mão direita que haviam feito secar. Mas, tendo sido descoberto Arsênio na Fenícia, onde se havia escondido ou o haviam feito esconder, e achado com as duas mãos sãs, ficou confundida a impostura dos arianos e dos melecianos.

A vergonha suspendeu por algum tempo a malícia de seus inimigos; e nosso santo aproveitou-se destes momentos de calma para visitar as igrejas de seu bispado, que por mais distantes ouviam menos vezes a voz de seu pastor. Nesta visita viu pela primeira vez o célebre mosteiro de Tabena. Seu abade, São Pacômio, saiu a recebê-lo à frente de seus monges, cujo número era de muitos milhares; os quais, distribuídos em vinte e quatro classes ou coros, o conduziram como em triunfo,

cantando salmos, ao mosteiro.

Entretanto não se descuidavam os arianos e melecianos; e, desesperando de poder alterar a fé ou dobrar a teima de Santo Atanásio, discorreram novas tramas para desacreditá-lo no conceito do imperador. Obtiveram sua licença para convocar um concílio em Cesareia da Palestina; e, considerando Atanásio que este conciliábulo se compunha unicamente de seus inimigos, negou-se a concorrer a ele. Eusébio de Nicomédia, chefe da conspiração dos arianos, e os demais prelados desafeiçoados a nosso santo souberam pintar esta resistência ao imperador com tão feias cores que desde então concebeu este contra o patriarca as malignas impressões que lhe duraram toda a vida. Mandou que no ano seguinte se convocasse um concílio na cidade de Tiro, dando ordem a Santo Atanásio de que sem falta assistisse a ele, e o santo obedeceu.

Quando entrou no concílio, ordenaram-lhe os presidentes que se estivesse em pé, como está um réu diante de seus juízes; o que indignou tanto o santo bispo Potamão, insigne confessor de Cristo, que, sem poder conter-se, dirigindo a palavra a Eusébio de Cesareia, um dos presidentes do conciliábulo: «Lembra-te, disse-lhe, da covardia que mostraste na última perseguição. Pois como tens valor e vergonha para estares tu sentado, enquanto está em pé Atanásio, homem de vida irrepreensível?» Abriram então os olhos muitos santos prelados; e, conhecendo que os haviam enganado, seguiram São Pafnúcio, que, tomando pela mão São Máximo, bispo de Jerusalém, saiu da assembleia.

Nem por isso desistiram os arianos de sua empresa. Formou-se a causa; reviveram as antigas calúnias, e foi de novo perguntado o presbítero Macário. Já se havia dado comissão para ir fazer novas informações sobre o suposto assassinato de Arsênio, quando este se apresentou diante do conciliábulo, vivo, são e sem que lhe faltasse membro algum de seu corpo. Fez-se comparecer uma mulher má, que haviam subornado com dinheiro para acusar nosso santo; e ela o fez, declarando em pleno concílio que Atanásio a havia desonrado.

O santo então, por um daqueles extraordinários rasgos de prudência que inspira o Espírito Santo nos maiores apuros, entrou no concílio acompanhado de um de seus presbíteros, chamado Timóteo; e, fingindo este que era o santo patriarca, perguntou à descarada mulher com resolução e com desembaraço: «Dize-me, mulher, sou eu o que te violentou?» «Sim, respondeu ela, tu mesmo és»; e, afetando desfazer-se em lágrimas, clamava ao concílio por justiça e por vingança. Lançaram com opróbrio do concílio a mulher, como merecia; mas irritaram-se tanto os arianos com a vergonha de ver descobertas suas calúnias e imposturas que teriam feito em pedaços Atanásio, se não tivesse escapado da cidade secretamente na noite seguinte.

Mas nem por isso se acovardaram os hereges nem cessaram de forjar cada dia novas acusações. Sabendo bem quanto sentia o imperador tudo o que tocasse à sua nova cidade de Constantinopla, asseguraram-lhe descaradamente que Atanásio proibia a extração dos grãos que se costumavam tirar de Alexandria para o abastecimento da corte. Irritou-se tanto o imperador que, sem querer dar ouvidos a Atanásio, que se ofereceu a provar até a evidência a falsidade daquela quimérica acusação, desterrou-o para Tréveris. Obedeceu, ainda que era tão visível sua inocência. Depois de muitas fadigas, chegou ao lugar de seu desterro, cujo bispo, que era então São Máximo, recebeu-o com o maior respeito, venerando-o sempre como invencível defensor da fé e confessor ilustre da

divindade de Jesus Cristo. Morto o imperador Constantino, seu filho Constantino, o Moço, que era imperador do Ocidente, depois de dois anos de desterro, restituiu-o a sua igreja de Alexandria, com cartas de recomendação muito honoríficas, em que, chamando-o oráculo da lei divina, dizia que seu pai Constantino o havia enviado às Gálias por algum tempo, só para pô-lo a coberto do furor dos malignos que haviam maquinado sua ruína. Imperava no Oriente Constâncio e, ainda que se havia declarado fautor da heresia ariana, não se atreveu a opor-se a esta resolução de seu irmão.

Foi recebido o santo patriarca, tanto pelo povo como pelo clero, com aquelas demonstrações de gozo que causa a volta dos santos perseguidos pela fé; mas durou pouco a calma. Os mesmos que o haviam condenado no conciliábulo de Tiro convocaram outro em Antioquia no ano de 341, no qual consagraram por patriarca de Alexandria Gregório da Capadócia. Entrou na cidade com mão armada o pseudopatriarca; e, apoderando-se de todas as igrejas, cometeu tantas violências, tantas profanações e tantos sacrilégios que Atanásio se viu obrigado a fugir e a refugiar-se em Roma. Recebeu-o com veneração o papa Júlio e escreveu aos bispos do Oriente, ordenando-lhes que concorressem a Roma para terminar estas diferenças. Celebrou-se este concílio no ano de 342, no qual se justificou Atanásio plenamente; foi aprovada e aplaudida a pureza de sua fé, não menos que o valor de sua constância; e o papa afeiçoou-se tanto a sua rara sabedoria e virtude que o deteve em Roma três anos. Opuseram-se com o maior esforço a que fosse restituído a sua igreja os arianos protegidos pelo imperador Constâncio. Foi preciso convocar outro concílio em Sárdica no ano de 347 [^1], no qual foi reconhecida com admiração e com elogio a inocência de nosso santo, o intruso Gregório foi excomungado e deposto, e Atanásio restituído a sua cadeira. Os bispos arianos, que se haviam retirado do concílio, juntaram-se tumultuariamente em Filipópolis e tiveram a insolência de excomungar os padres do concílio sardicense e o próprio papa Júlio, porque havia comunicado com Atanásio. Enfim, foi necessária toda a autoridade do imperador Constante para que nosso santo se visse restabelecido em sua igreja.

Irritou furiosamente os arianos a pompa e os regozijos públicos com que foi recebido em Alexandria; e sua virtude, seu zelo e a valorosa intrepidez com que prosseguia em defender a divindade de Jesus Cristo suscitaram contra ele outra nova perseguição. Tendo passado Atanásio à corte de Antioquia para beijar a mão do imperador, persuadiram os arianos a este príncipe que pedisse ao patriarca uma igreja em Alexandria para os que faziam profissão de sua seita. «Senhor, respondeu-lhe Atanásio, concordo com isso, contanto que Vossa Majestade me conceda outra em Antioquia para os que professam a religião católica.» Acharam-se muito embaraçados os arianos com uma resposta que não esperavam e renunciaram a sua pretensão, tendo por menor inconveniente carecer eles de uma igreja em Alexandria que conceder outra aos católicos dentro da corte.

Voltou a florescer em Alexandria a disciplina e a virtude com a volta de nosso santo; mas foi de curta duração a tranquilidade. Tendo morrido por este tempo o imperador Constante e não cessando Atanásio de escrever e pregar contra a impiedade ariana, viu-se combatido de novas e furiosas ondas. Celebraram-se contra ele os conciliábulos de Arles, Aquileia e Milão; e porque Santo Eusébio, bispo de Vercelli, São Dionísio de Milão, São Lúcifer de Cagliari, o célebre Ósio e o papa Libério não quiseram assinar a condenação de Atanásio, todos foram desterrados, e o santo o foi também de sua igreja de Alexandria. Não podendo resolver-se a abandonar de todo seu querido rebanho, esteve escondido por algum tempo; mas, enfurecendo-se mais e mais a perseguição, viu-

se obrigado a retirar-se ao deserto; e os arianos colocaram na cadeira patriarcal de Alexandria Jorge, filho de um tintureiro da Capadócia. Não se pode pensar sem horror em todos os sacrilégios e em todas as maldades que cometeram os hereges nesta ocasião.

Enquanto Atanásio estava no deserto, teve a consolação de herdar o pobre, mas preciosíssimo manto que Santo Antão lhe havia deixado na hora de sua morte, sucedida naquele mesmo ano; e o santo fez dele tanto apreço que o resto de sua vida o pôs nas maiores festividades como uma preciosa gala. Nem passou ociosamente o tempo que esteve na solidão, porque a ela devemos grande parte de seus escritos. Ali compôs sua apologia, que dirigiu ao imperador, e o tratado dos *Sínodos*, que escreveu por ocasião do sucedido nos concílios de Selêucia e de Rímini.

Morto neste tempo o imperador Constâncio e tendo-lhe sucedido no império Juliano Apóstata, levantou o desterro a todos os bispos desterrados; e em favor deste decreto voltou Atanásio a sua igreja. Pouco antes havia sido morto num motim popular o usurpador Jorge; e por esta casualidade gozou o santo patriarca de algum repouso, que empregou utilmente em reformar os costumes e em restabelecer a disciplina eclesiástica.

Mas o que era tão aborrecido dos hereges, por precisão não o havia de ser menos dos gentios. Sabendo o apóstata Juliano a grande reputação em que estava nosso santo, enviou ordem para que lhe tirassem a vida. Deram aviso ao patriarca; e, para que não fosse maltratado seu povo, que estava resolvido a expor a vida para defender a de seu santo pastor, meteu-se prontamente num barco e, subindo pelo Nilo, fez-se à vela para a Tebaida. O que estava encarregado de matá-lo, informado de sua fuga, embarcou-se atrás dele e bem depressa o teria apanhado, se o santo, por um rasgo de sagacidade verdadeiramente superior, não tivesse mandado que seu barco voltasse prontamente a proa para Alexandria. Encontrando-se logo com aquele em que navegava o oficial, este perguntou aos passageiros se ia longe a embarcação de Atanásio; e, como eles lhe respondessem que não estava muito distante, o oficial, sem dizer outra coisa, mandou forçar os remos para alcançá-la e passou adiante. Com isto voltou o santo à cidade, onde esteve oculto até a morte de Juliano, que sucedeu seis meses depois. Ascendeu ao império Joviano, príncipe muito católico, que, dirigindo todos os seus esforços a que triunfasse o concílio de Niceia, chamou Atanásio a Antioquia e quis saber de sua própria boca tudo o que havia padecido pela religião.

Não fez o santo longa estada na corte: chamado por sua obrigação e solicitude pastoral, voltou o quanto antes a cuidar de sua diocese e a empreender a visita; mas parecia que o Senhor havia determinado santificá-lo por meio das tribulações. A morte prematura do piedoso imperador Joviano voltou a acender o furor e a malignidade dos hereges. Sucedeu-lhe Valente, que favorecia os arianos; e a primeira graça que lhes concedeu foi que expulsassem Atanásio de sua cadeira. Foi geral a consternação em Alexandria; e, crendo o santo que era prudente ceder à tempestade, escondeu-se no próprio sepulcro de seu pai, onde esteve por espaço de quatro meses. Era esta a quarta vez que o santo se ocultava para evitar as funestas desgraças que ordinariamente trazem consigo os motins populares, que se teriam suscitado com sua prisão.

Mas também parecia que o Senhor dispunha estas temporadas de retiro para dar-lhe tempo a que prestasse nelas mais importantes serviços à Igreja. Porque, não se contentando seu zelo em combater contra os arianos, não era menos ardente em reprimir os demais hereges. Defendeu a

divindade do Espírito Santo contra os macedonianos, como havia defendido contra os arianos a divindade do Verbo; e nos últimos anos de sua vida escreveu em defesa do mistério da encarnação contra os apolinaristas.

Entretanto, não podendo o povo de Alexandria suportar com paciência a ausência de seu pastor, começou a levantar o grito tão sem reparo que chegaram suas sentidas queixas aos ouvidos de Valente; e, temendo este alguma sedição, deu ordem para que se deixasse Atanásio viver em paz em sua igreja. Manteve-se nela até a morte, empregando o que lhe restou de vida em conservar a fé em toda a sua pureza e a disciplina dos costumes em todo o seu vigor. Enfim, aos quarenta e seis anos de seu bispado, consumido ao fogo da mais turbulenta, da mais tenaz e mais viva perseguição, morreu cheio de merecimentos, no dia 2 de maio do ano 373.

As honras que se lhe fizeram depois de morto foram correspondentes à estima e à veneração que se lhe professava quando vivo, e em seus funerais deixou-se ver toda a pompa e toda a majestade de um verdadeiro triunfo. No século VIII foram trasladadas suas preciosas relíquias a Constantinopla; o que deu ocasião a São Germano, que era então patriarca, de compor um ofício novo em honra de nosso santo. Diz-se como coisa certa que com o tempo foram roubadas àquela cidade e conduzidas a Veneza, onde são guardadas com o maior cuidado.

Mereceram sempre tão alta estima os escritos de Santo Atanásio que costumava dizer o abade Como que, se se achasse algum opúsculo seu e faltasse papel para copiá-lo, devia-se trasladá-lo e bordá-lo sobre a própria veste. Finalmente, São Gregório Nazianzeno dá princípio a uma oração fúnebre em elogio de nosso santo dizendo que louvar Atanásio e louvar a virtude era uma mesma coisa.

Martirológio Romano

A festa de Santo Atanásio, bispo de Alexandria, varão eminentíssimo em doutrina e santidade, tão perseguido por todas as partes que toda a terra parecia haver-se conjurado contra ele. Não deixou de defender a fé católica com intrepidez de ânimo desde o tempo de Constantino até o de Valente, contra os imperadores, contra os governadores de província e contra um número infinito de bispos arianos, os quais lhe armaram tantas ciladas que quase sempre andava fugitivo, sem que pudesse achar em todo o universo um lugar seguro; enfim, depois de muitos combates e triunfos que ganhou com sua paciência, tendo voltado a sua igreja, passou a melhor vida no ano quarenta e seis de seu pontificado, no tempo dos imperadores Valentiniano e Valente.

Em Roma, os santos mártires Saturnino, Neopólio, Germano e Celestino, os quais, depois de haverem sofrido muito, foram lançados numa prisão, de onde passaram ao descanso eterno.

Além disso, São Exupério e Santa Zoé, sua esposa, com seus filhos Ciríaco e Teódulo, martirizados no tempo do imperador Adriano.

Em Sevilha, São Félix, diácono e mártir.

No mesmo dia, São Vindemial, bispo e mártir, o qual, com os santos bispos Eugênio e Longino, combatendo os arianos e confundindo-os com sua doutrina e milagres, foi decapitado por ordem do rei Hunerico.

Em Ávila, na Espanha, São Segundo, bispo, de quem se volta a falar no dia quinze deste mês.

Em Florença, Santo Antonino, da ordem dos pregadores, célebre por sua santidade e doutrina: sua festa se celebra no dia dez de maio.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Exaudi, quæsumus, Domine, preces nostras, quas in B. Athanasii, confessoris tui atque pontificis, solemnitate deferimus: et qui tibi digne meruit famulari, ejus intercedentibus meritis, ab omnibus nos absolve peccatis. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Rogamos-vos, Senhor, que ouçais benigno as súplicas que vos fazemos na solene festa de vosso bem-aventurado confessor e pontífice Atanásio, e que nos livreis de todos os nossos pecados, pelos méritos daquele que vos serviu com tanta fidelidade. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 4 da segunda do apóstolo São Paulo aos Coríntios.

2 Coríntios 4,5-14

> **Latim:** 5 Non enim nosmetipsos prædicamus, sed Jesum Christum Dominum nostrum : nos autem servos vestros per Jesum : 6 quoniam Deus, qui dixit de tenebris lucem splendescere, ipse illuxit in cordibus nostris ad illuminationem scientiæ claritatis Dei, in facie Christi Jesu. 7 Habemus autem thesaurum istum in vasis fictilibus : ut sublimitas sit virtutis Dei, et non ex nobis. 8 In omnibus tribulationem patimur, sed non angustiamur : aporiamur, sed non destituimur : 9 persecutionem patimur, sed non derelinquimur : dejicimur, sed non perimus : 10 semper mortificationem Jesu in corpore nostro circumferentes, ut et vita Jesu

> manifestetur in corporibus nostris. [11] Semper enim nos, qui vivimus, in mortem tradimur propter Jesum : ut et vita Jesu manifestetur in carne nostra mortali. [12] Ergo mors in nobis operatur, vita autem in vobis. [13] Habentes autem eumdem spiritum fidei, sicut scriptum est : Credidi, propter quod locutus sum : et nos credimus, propter quod et loquimur : [14] scientes quoniam qui suscitavit Jesum, et nos cum Jesu suscitabit, et constituet vobiscum.

Português: [5] Porque não nos prégamos a nós mesmos, mas a Jesu Christo nosso Senhor: e nós nos consideramos como servos vossos por Jesus. [6] Porque Deos, que disse que das trévas resplandecesse a luz, elle mesmo resplandeceu em nossos corações, para illuminação do conhecimento da gloria de Deos, na face de Jesu Christo. [7] Temos porém este thesouro em vasos de barro: para que a sublimidade seja da virtude de Deos, e não de nós. [8] Em tudo padecemos tribulação, mas nem por isso nos angustiamos: somos cercados de dificuldades insuperaveis, e a nenhumas succumbimos: [9] somos perseguidos, mas não desamparados: somos abatidos, mas nem por isso perecemos: [10] trazendo sempre no nosso corpo a mortificação de Jesus, para que tambem a vida de Jesus se manifeste nos nossos corpos. [11] Porque nós, que vivemos, somos a toda a hora entregues á morte por amor de Jesus: para que tambem a vida de Jesus appareça na nossa carne mortal. [12] Em nós logo obra-se a morte, e em vós a vida. [13] E porque nós temos hum mesmo espírito da fé, segundo está escrito: Eu cri, por isso he que fallei: tambem nós cremos, por isso he tambem que fallamos: [14] sabendo que aquelle, que resuscitou a Jesus, nos resuscitará tambem com Jesus, e nos collocará com vosco.

Nota

«Escreveu São Paulo esta segunda epístola movido pela adesão que mostravam os coríntios à doutrina que lhes havia pregado e pelos esforços que faziam alguns falsos apóstolos para desacreditá-lo. Seu objeto neste capítulo IV, de onde se tirou a epístola da missa, é persuadir àqueles fiéis que, ainda que os ministros do Evangelho estejam sujeitos a muitas tribulações e se achem cada dia expostos a mil humilhações, nem por isso devem os verdadeiros fiéis desmaiar nem entibiar-se.»

Reflexões

Non nosmetipsos prædicamus, sed Jesum Christum Dominum nostrum. Não nos pregamos a nós mesmos, mas a Jesus Cristo, nosso Senhor. Só podem dizer isto com verdade os ministros fiéis do Evangelho. Mas ah, e quantos infiéis ministros há! Muitos pregam a Jesus Cristo só para pregar-se a si mesmos; o principal fim de seus sermões é sua própria estima e sua fama. Daqui provém aquele eterno falar de seus trabalhos, de seus resultados e de suas maravilhas; daqui aquele fastio universal, aquele desdenhoso menosprezo com que tratam tudo o que produz outro terreno: a seus

olhos não há frutos preciosos senão os que são de sua colheita. Mas o espírito de Deus tem outras máximas, fala outra linguagem; os homens verdadeiramente apostólicos estimam-se pouco e se louvam menos.

In omnibus tribulationem patimur, sed non angustiamur: é certo que por todas as partes nos saem ao encontro as tribulações, mas nem por isso desmaiamos nem sequer nos afligimos. Oh, e que diferença tão grande há entre as mortificações que se padecem no serviço de Deus e os espinhos que se acham no serviço do mundo! Aquelas picam pouco, são fecundas e produzem um fruto de um gosto incomparável; estes são sempre estéreis, sempre penetrantes e tão peçonhentos que sua ferida não tem cura.

É preciso confessá-lo: as adversidades são fruta de todas as estações, nascem em todos os terrenos, não há clima que não seja o próprio delas; mas as adversidades que Deus envia aos bons são de espécie muito distinta daquelas que experimentam os mundanos. A estes, tristes vítimas da ambição, sempre os acompanham as amarguras interiores, os remorsos mortais, despeitos que os despedaçam e um desespero que os devora: e que recurso, que consolo têm em suas misérias? Nós, exclama o Apóstolo, *dejicimur, sed non perimus:* também temos muito que padecer, mas não nos desesperamos; tampouco nos faltam aflições, mas não carecemos de consolos. Um deles é a consideração da mão que semeia estas cruzes e que reparte estas amarguras. Sabemos bem que o mesmo sol que levanta os vapores tem virtude para dissipá-los. Grande consolo é pensar que Deus tem contados todos os cabelos de nossa cabeça e que não há de permitir que pereça nem um só; grande satisfação, saber que teremos por remunerador o mesmo que tivemos por modelo e que há de ser nosso juiz; grande glória, caminhar pelas mesmas pegadas que nos deixou estampadas o Salvador e acabar de cumprir o que faltou aos tormentos de Jesus Cristo, fazendo gala de sua libré. Por isso não é de admirar que o mesmo Apóstolo exclame em outra parte: Estou cheio de consolação; transborda meu coração de gozo e de alegria em meio de minhas tribulações e de meus trabalhos. Que homem do mundo pôde dizer jamais outro tanto? Há no mundo trabalhos, há tribulações, há perseguições; mas há as mesmas consolações? Há as mesmas doçuras? Qual é o prêmio, qual a recompensa do que se padece pelo mundo?

Persecutionem patimur, prossegue o Apóstolo, *sed non derelinquimur:* somos perseguidos, mas não somos abandonados. Aquele divino Salvador que Santo Estêvão viu em pé à direita de Deus Pai está ainda presente aos combates que sustentam com valor os que o servem. É certo que sempre haverá inimigos que persigam a religião; mas também o é que sempre achará ela dentro de si mesma armas para defender-se e todos os auxílios de que há mister para que não a atropelem. O mesmo se pode dizer da virtude cristã.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 10 de São Mateus.

Mateus 10,23-28

> **Latim:** [23] Cum autem persequentur vos in civitate ista, fugite in aliam. Amen dico vobis, non consummabitis civitates Israël, donec veniat Filius hominis. [24] Non est discipulus super magistrum, nec servus super dominum suum : [25] sufficit discipulo ut sit sicut magister ejus, et servo, sicut dominus ejus. Si patremfamilias Beelzebub vocaverunt, quanto magis domesticos ejus ? [26] Ne ergo timueritis eos. Nihil enim est opertum, quod non revelabitur : et occultum, quod non scietur. [27] Quod dico vobis in tenebris, dicite in lumine : et quod in aure auditis, prædicate super tecta. [28] Et nolite timere eos qui occidunt corpus, animam autem non possunt occidere : sed potius timete eum, qui potest et animam et corpus perdere in gehennam.

Português: [23] Quando porém vos perseguirem numa cidade, fugi para outra. Em verdade vos afirmo, que não acabareis de correr as cidades d'Israel, sem que venha o Filho do homem. [24] Não he o discípulo mais que seu mestre, nem o servo mais que seu senhor. [25] Basta ao discípulo ser como seu mestre: e ao servo, como seu senhor. Se elles chamárão Beelzebú ao pai de familia: quanto mais aos seus domesticos? [26] Pois não os temais: Porque nada ha encoberto, que se não venha a descobrir: nem occulto, que se não venha a saber. [27] O que eu vos digo ás escuras, dizei-o ás claras: e o que se vos diz ao ouvido, publicai-o dos telhados. [28] E não temais aos que matão o corpó, e não podem matar a alma: temei antes porém ao que póde lan- çar no inferno tanto a alma como o corpo.

Meditação

Do temor de Deus

Primeiro ponto

Considera que o temor de Deus é o princípio da verdadeira sabedoria; a fé, a razão e o bom juízo infundem-nos este santo temor. E, na verdade, pode haver mais insigne loucura que não temer a Deus?

Teme a Deus, diz o Sábio, e guarda seus mandamentos, porque isto é o todo do homem. Bem se pode dizer que o homem sem este santo temor é nada. Demos que seja o mais despertado, o mais penetrante engenho de todo o mundo; demos que por seu nascimento, por suas riquezas, por seus empregos, por suas prendas se sobreponha a todos os demais homens: se não teme a Deus, que vem a ser aos olhos de Deus, o qual é o único que julga sadiamente de todas as coisas? Que será aos olhos das criaturas pela infinita duração de todos os séculos? Que será a seus mesmos olhos por toda a eternidade?

É preciso ter algum temor; porque o temor é igualmente efeito do amor-próprio e da razão: é uma inquietação da alma, que se persuade de que não há de chegar a conseguir um bem que deseja; é uma apreensão de algum mal que nos ameaça. Ninguém pode eximir-se destes afetos, porque são muito naturais, muito próprios de nossa natureza. Se o temor é racional, é prudência. Mas, afinal, que é o que se teme? A privação de algum bem, de que por fim nos há de despojar a morte infalivelmente; a diminuição da honra, da estima, do crédito, que consistem numa vã opinião e que por fim se hão de desvanecer como sombra ou como sonho. Temem-se as enfermidades, as doenças que não podem faltar; as adversidades e os trabalhos que são inseparáveis da vida; enfim, teme-se a morte, que é necessário que chegue; mas não se teme a Deus, autor e único origem de todos os bens. Não se teme a Deus, de quem depende nossa fortuna nesta vida e nossa felicidade na outra; não se teme a Deus, que só pode acalmar as ondas, dissipar as tempestades, prevenir as desgraças e tirar à morte tudo o que tem de terrível; não se teme a Deus, sendo o único a quem a rigor deveríamos contemplar e o único a quem deveríamos temer. Somente os insensatos podem viver sem este santo temor. Onde há prova mais evidente de loucura que nesta néscia, nesta ímpia segurança? O temor dos males desta vida pode provir de covardia e de fraqueza; mas o temor de Deus é inseparável da verdadeira sabedoria, da grandeza de coração. Os loucos e as crianças são os únicos que não temem os grandes precipícios, porque não os conhecem. Não temer a Deus é sempre corrupção do coração e falta de entendimento.

Ao temor santo de Deus acompanham inseparavelmente todas as virtudes cristãs. O que teme, crê; o que teme perder, espera; e, como não há aqui um temor servil, mas filial, isto é, um temor de amor e de respeito, nunca fica excluída dele a caridade. Mas acharão-se estas virtudes capitais de nossa religião numa alma que não teme a Deus?

Segundo ponto

Considera qual é o verdadeiro sentido deste oráculo: *Não temais os que podem tirar a vida do corpo e não podem tirar a vida da alma.* Seja um aborrecido, odiado, perseguido, ultrajado até não poder mais; chegue em boa hora a perseguição até tirar-lhe a vida; este é um bem que afinal é necessário perder. Daqui não pode passar todo o poder e toda a malignidade dos homens; o mais que podem fazer é antecipar alguns dias um despojo inevitável; mas esta alma eterna e imortal não é de sua jurisdição. Quantos ilustres mártires expiraram nos cadafalsos! Quantos inocentes foram maltratados! Quantas pessoas virtuosas viveram arrinconadas e cobertas de pó! Bom exemplo é o de Santo Atanásio. Sua desgraça foi obra da malícia dos homens; mas esta desgraça só serviu para acrescentar maior estima a seu mérito; sua glória recebe agora dela um novo esplendor no céu: todas as suas perseguições, todas as suas desgraças servem de assunto a seu elogio.

Mas temei, prossegue o Salvador, aquele que pode precipitar o corpo e a alma no inferno. A quem se há de temer, se não se teme um Deus tão poderoso, um juiz tão formidável?

Que coisa mais posta em razão e mais natural que temer um Deus que é o único que nos pode fazer felizes, que nos fez e cada dia nos está fazendo maiores benefícios do que podemos compreender? Que coisa mais justa que temer irritar aquele Deus que por um só pecado mortal

pode precipitar corpo e alma no inferno? Não há poder no mundo a quem se deva temer mais além da vida; mas a ira de Deus nunca se deixa sentir mais, e nunca é de fato mais terrível, que depois da morte: suplícios eternos, chamas inextinguíveis, remorsos que nunca se acabam, vingança sem medida, sem limites, sem mitigação, para todos aqueles que morrem em sua desgraça. Que te parece? Há razão para temer a Deus? E um homem que não o teme, que será? Será homem de bem, homem reto, homem honrado, homem contido? Que moderação terá? Que freio porá a suas paixões? Que medida, que limites a seu apetite, à licença, à dissolução? É o temor de Deus aquele cercado que defende a vinha; aberto o cercado, fica exposta a que todos a vindimem, a pisem e a destruam.

Dai-me, Senhor, este santo temor vosso, tão necessário e tão salutar. Ame-vos eu, divino Salvador meu, e nada tema tanto como ofender-vos, nada tanto como não amar-vos a tempo e como perder-vos por toda a eternidade.

Jaculatórias

> *Confige timore tuo carnes meas: a judiciis enim tuis timui.* Sl 118.

Penetrai minha alma de vosso santo temor, para que me ponha em estado de evitar vossos terríveis juízos.

> *Beatus vir qui timet Dominum: in mandatis ejus volet nimis.* Sl 111.

Bem-aventurado o homem que teme o Senhor e coloca seu prazer em guardar seus mandamentos.

Propósitos

1. O princípio da verdadeira sabedoria, diz o Profeta, é o temor de Deus. Nada prova mais a pobreza de entendimento e a insensatez, e ao mesmo tempo a depravação do coração, que o não temer a Deus. Há um temor servil, que é o dos escravos, os quais temem o castigo sem atender ao mérito da pessoa ofendida. Mas nós, diz São Paulo, não somos filhos da escrava, mas da livre [^2]; e nosso temor deve ser como o daqueles bons filhos que só temem ofender um pai a quem amam ternamente. Quanto mais se ama a alguém, mais se teme desobedecer-lhe e enojá-lo. Daqui nasce aquela exatidão em cumprir as obrigações de seu estado; aquele desejo de antecipar-se ao preceito; aquela delicadeza de consciência em tudo o que toca à religião e à piedade. Procura conseguir este temor de Deus tão salutar. O entendimento se domestica com o vício, a consciência se cega, o coração se endurece com o costume do pecado; então há pouco temor de Deus, ou

insensivelmente se chega a perdê-lo de todo: tratam-se de vãos espantalhos, de pusilanimidade de espírito, de escrúpulos irracionais, o temor de Deus e essa delicadeza de consciência que, uma vez perdida pela culpa, raras vezes se recobra. Guarda-te bem de zombar jamais dessa delicadeza escrupulosa, que é como a legítima das almas santas. Confunda-te seu fervor, sua pontualidade, sua vigilância; e fala sempre delas com estima e com elogio, temendo muito ofender a Deus se observares outra conduta.

2. Foge quanto puderes de tratar com aquela espécie de pessoas que se prezam de espíritos fortes, isto é, que temem pouco ou nada; daquelas que têm por lícito tudo o que lisonjeia a concupiscência e o amor-próprio, que de nada duvidam, em nada reparam e tratam de miudezas, de bagatelas, de devoções mulheris as devoções mais proveitosas; a conversação desta espécie de gente, ainda que de ordinário pareça judiciosa e regrada, é sempre contagiosa. Não te envergonhes de parecer homem timorato. Com que temor, e até com que escrupulosidade, se cuida de não desgostar o príncipe! Cada qual faz vaidade e até mérito de ser escrupuloso neste ponto. Pois desde quando há de envergonhar-se um cristão de ser exato em dar gosto a Deus? Examina se há algo que reformar em tua casa, em tua família, em tua pessoa, em tua conduta; vê se há algo que te ofereça algum motivo de temor. Se tens filhos, criados ou dependentes, repete-lhes frequentemente aquela admirável lição que dava Tobias a seu filho: *Omnibus diebus vitæ tuæ in mente habeto Deum, et cave ne aliquando peccato consentias:* lembra-te todos os dias, todos os instantes de tua vida, de que estás na presença de Deus, e guarda-te bem de consentir em algum pecado. Seremos ditosos se sempre temermos a Deus, *si timuerimus Deum.* É devoção muito útil repetir muitas vezes a seguinte oração:

> *Sancti nominis tui, Domine, timorem pariter et amorem fac nos habere perpetuum; quia nunquam tua gubernatione destituis, quos in soliditate tuæ dilectionis instituis. Per Dominum nostrum...*

«Fazei, Senhor, que se arraigue em nossas almas o amor e o temor perpétuo de vosso santo nome; porque nunca desampara vossa providência aqueles que firmais na solidez de vosso amor. Por nosso Senhor Jesus Cristo...»

[^1]: O OCR traz «317»; a data correta do concílio de Sárdica é 347, como o contexto (depois dos concílios de Roma, 342) confirma. [^2]: Gl 4,31. (Nota do autor: «Ad Gal. 4».)

Revision #1
Created 20 November 2026 20:47:44 by Admin
Updated 20 November 2026 20:47:44 by Admin